

## **TORCIDAS ORGANIZADAS NO BRASIL E NA FRANÇA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES PARA UMA COMPARAÇÃO**

Bernardo Borges Buarque de Holanda<sup>1</sup>

**RESUMEN:** O presente artigo procura mostrar de que maneira um tipo específico de associação, pautado na idolatria clubística, ganhou vulto em escala nacional e internacional nas décadas de 1960, 1970 e 1980, e assumiu particularidades histórico-culturais no futebol no Brasil e na França. Busca-se evidenciar como esse fenômeno da segunda metade do século XX atendeu a novas demandas de participação e de diferenciação por parte de contingentes urbanos em um domínio cada vez mais competitivo, massificado e mercantilizado. A música, de um lado, e a violência, de outro, foram os meios expressivos mais notáveis a que esses movimentos recorreram para tomar parte e para adquirir visibilidade no universo do espetáculo esportivo contemporâneo. Ao analisar a ação, a formação e a transformação de um campo específico de subgrupos torcedores, reconstituindo uma experiência histórica particular, o trabalho que ora se apresenta tem o intuito de demonstrar em que medida as torcidas organizadas constroem sua identidade através de uma relação direta com os meios de comunicação de massa e orientam seus métodos de atuação através de uma bricolagem e de uma leitura muito própria dos valores presentes no jogo, no esporte e no meio social circundante.

**PALAVRAS-CHAVES:** Torcidas organizadas; violência; Brasil; França; história comparada.

### **INTRODUÇÃO**

As torcidas organizadas de futebol constituem um fenômeno contemporâneo de dimensões internacionais. Embora já existam no cenário futebolístico há algumas décadas, elas comportam algumas características comuns que as identificam na atualidade, graças, sobretudo, a seu alcance midiático e a seu enraizamento sócio-cultural entre parcelas significativas da juventude, em diversas cidades do mundo. Sabe-se, no entanto, que até o momento as torcidas inglesas, italianas e argentinas têm sido consideradas as matrizes fundadoras e difusoras na exportação de estilos nacionais de torcer, transpassando fronteiras e irradiando seus modelos para diversos países da Europa e da América Latina.

Quanto mais o futebol de clubes tem adquirido uma dimensão global, através de uma rede de campeonatos em escala mundial, mais esses estilos de torcer são difundidos, o que

favorece recíprocas influências extraídas do contato estabelecido nas viagens de acompanhamento do time em torneios intercontinentais, das imagens projetadas pela cobertura televisiva ou das redes eletrônicas de comunicação. Uma compreensão não muito diferente das *culturas híbridas* de que fala o antropólogo argentino Nestor Garcia Canclini pode ser aplicada às torcidas na caracterização da sua contemporaneidade<sup>1</sup>.

Ao palmilhar essa trilha, siga também as considerações do último livro organizado pelo sociólogo inglês Eric Dunning: *Fighting fans: football hooliganism as a world phenomenon* (2002). Neste livro, Dunning, um epígono das idéias de Norbert Elias na fundamentação da sociologia das emoções esportivas, apresenta o hooliganismo como um dado da realidade hodierna mundial e não mais uma exclusividade histórica da Inglaterra.

Para isso, a obra contém uma coletânea de estudos em que especialistas de vários quadrantes da Europa e do mundo traçam um mapa atual das torcidas organizadas. Malgrado a ausência do Brasil, as análises vão dos *barra-bravas* da Argentina aos *hooligans* da Inglaterra; dos *kutten fans* da Alemanha aos *tifosi* da Itália, dos *ultras* da Espanha aos *siders* da Bélgica, sem contar os violentos grupos de torcedores dados a conhecer no Leste Europeu desde a derrocada do bloco soviético – com destaque para a Polônia e as repúblicas da ex-Iugoslávia –, além da Grécia e da Turquia<sup>2</sup>. É possível seguir ainda a pista numa reflexão apenas sugerida pelo antropólogo francês Christian Bromberger, com a indagação: estar-se-ia assistindo à criação de uma cultura internacional de jovens torcedores? (“...il existe une culture vocale internationale du supporter...”).<sup>3</sup>

De acordo com esse quadro de internacionalização das torcidas no futebol globalizado, o presente artigo tem por motivação principal entender os caminhos históricos seguidos por esses agrupamentos juvenis, até a sua configuração atual. Adota-se uma perspectiva comparada que fornece subsídios para contemplar a complexidade do tema na atualidade. Busca-se identificar para isso semelhanças e singularidades no estudo de torcidas organizadas no Brasil e na França, em particular no Rio de Janeiro e em Paris, duas cidades em que esses agrupamentos têm alcançado visibilidade e importância crescentes.

Antes de apresentar a evolução diacrônica das torcidas em cada país, gostaria de começar com algumas observações de ordem panorâmica a respeito das mais recentes transformações por que vêm passando as torcidas em face da modernização empresarial, do monitoramento televisivo e da reorganização estrutural do futebol. A atenção incide nos dois aspectos dominantes ressaltados pela mídia esportiva quanto à imagem das torcidas organizadas, um relativo à Europa e o outro, ao Brasil. Em ambos os casos, tanto aqui como lá, é posto em relevo o *ethos* estigmatizante da violência e a sua representação reificada junto aos meios de comunicação, indo ao encontro, portanto, do centro dos interesses na proposta que ora apresento.

## **1. PANORAMA ATUAL**

### **TORCIDAS, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E CONTEXTO INTERNACIONAL.**

O primeiro aspecto, situado em âmbito internacional, se refere às últimas reportagens feitas pela imprensa européia acerca das torcidas de futebol daquele continente. Após os acontecimentos trágicos ocorridos na década de 1980, quando a televisão deu a conhecer ao mundo a ferocidade dos *hooligans* ingleses<sup>4</sup>, *hooligans* estes que as autoridades se encarregariam de tentar expurgar nos decênios seguintes, mediante uma completa reformulação da estrutura arquitetônica dos estádios e mediante uma nova configuração do tipo sócio-econômico de espectador desejado para suas arenas, o noticiário esportivo atual tem dado destaque às manifestações racistas e xenófobas expressas por parcelas minoritárias de torcedores, como sucedeu entre setores da torcida do Paris Saint-Germain. Ligados aos grandes clubes e aos campeonatos europeus que mobilizam vultosas transações financeiras, estes torcedores manifestam sua hostilidade tendo como alvo principal jogadores de origem negra, mestiça ou estrangeira, oriundos em sua grande maioria da América do Sul, da África e das regiões periféricas que historicamente constituíram as colônias fornecedoras de matéria-prima, mão-de-obra e mercadorias baratas para a Europa.

Se as tragédias ocorridas nos anos 80 corresponderam à imagem da decadência moral por que passou o futebol inglês naquele momento, o recente recrudescimento do racismo, agora disseminado em diversas partes daquele continente, parece corresponder a uma reação, consciente ou inconsciente, de parte desses torcedores considerados extremistas frente ao ciclo de fortalecimento das relações capitalistas no esporte.

A dinâmica contemporânea do capitalismo e os meganegócios do futebol empresarial põem em questão os grandes temas das relações internacionais, que na atualidade ocupam a agenda política da Comunidade Européia, a saber: a redefinição das suas fronteiras internas, a corrente das migrações populacionais em seu interior e a integração dos grupos étnicos que a ela afluem de forma cada vez mais massiva. Vistos como entraves à plena realização desses ideais que buscam refletir um sistema econômico perfeito, regido por um fluxo de trocas que somente conheceria as supostas leis do mercado, esses torcedores simbolizariam o pólo provinciano de resistência às forças integradoras, modernizadoras e cosmopolitas do liberalismo.

Conforme explicita Hobsbawm em seu último livro, “Globalização, democracia e terrorismo”<sup>5</sup>, que vai ao encontro das idéias de alguns estudiosos da “geopolítica do futebol”<sup>6</sup>, este esporte vivenciaria uma espécie de esquizofrenia, uma vez que se encontra cindido entre o elemento nacional, derradeiro refúgio das paixões do mundo antigo, e o elemento transnacional, a mais nova face do capitalismo ultraliberal. À luz desse dilema, em que liberalismo e totalitarismo seriam dois lados de uma mesma moeda, os surtos racistas dos torcedores continuam sendo lidos pela imprensa na chave da anomia e da regressão atávica, agora simbolizadas no descompasso entre essas duas majoritárias linhas de força do futebol.

### **TORCIDAS, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E CONTEXTO NACIONAL.**

O segundo aspecto que gostaria de realçar se atém ao caso das torcidas brasileiras. Penso na perceptível mudança de posicionamento perante as mesmas por parte de alguns meios de comunicação contemporâneos, em especial a emissora de televisão que detém o monopólio das transmissões dos principais torneios nacionais e estaduais. Desde o Campeonato

Brasileiro de 2007, uma visível modificação no relacionamento da televisão com as torcidas tem sido operada, no sentido de uma progressiva incorporação desses grupos estigmatizados ao que se convencionou chamar “espetáculo esportivo”.

A tentativa de incorporá-los ao discurso pedagógico e moralizante dos esportes, veiculado pela mídia televisiva, resulta em uma espécie de acordo tácito e de monitoramento que leva a TV ao incentivo e à sugestão de um novo repertório musical nos estádios – bastaria citar aqui a melodia da “Marcha da Vitória” que a torcida do Flamengo adaptou inspirada em um jingle da Fórmula 1, evento automobilístico internacional patrocinado pela mesma emissora de televisão. A contrapartida à campanha pelo fim dos palavrões nos estádios e à predominância das canções de incentivo é o apoio dado a essas torcidas, que vêm recebendo um maior destaque imagético e sonoro durante tais transmissões, em uma aproximação que até então improvável.

É claro que a maior exposição e o maior espaço virtual dado a esses grupos não é apenas uma repentina e benevolente concessão televisiva. Ela foi fruto também de uma mudança e de um rearranjo interno ocorrido no seio das torcidas. Por um lado, tal mudança decorre de um novo movimento de dissidências instaurado entre as torcidas de cada clube, onde, como estratégia de diferenciação, os dissidentes procuram reaver e reviver o discurso das tradições esquecidas ou perdidas, acionando lemas, slogans e faixas de outrora. Volta-se então a se falar de um ambiente festivo e familiar que torna a impregnar a paisagem polifônica e multicolorida das arquibancadas, através da recuperação dos cânticos, dos uniformes e das bandeiras modeladas à moda antiga, imitando tipos existentes quer nos anos 40 quer nos anos 70.

Por outro lado, a mudança é decorrência também de um movimento de torcidas vindo de fora do Brasil, que se soma às transformações aqui ocorridas. Elas têm como fonte original o modo de torcer de algumas “hinchadas” argentinas, que inspiraram de início as torcidas situadas na fronteira, e que do Rio Grande do Sul logo se propagaram para boa parte do país. Tais torcidas têm como princípio básico o apoio incondicional ao time e o canto coletivo ininterrupto ao longo do jogo, independente do resultado adverso ou favorável.

A combinação desses dois fatores, um interno e outro externo, permitiu a certos meios de comunicação hegemônicos e a certos comentaristas esportivos da grande imprensa a brecha para sair da *camisa de força* em que se encontravam desde os anos 80. O apoio dado a esses novos agrupamentos de torcedores constituiu uma saída conveniente para tentar vencer essa “disputa simbólica pelo significado de torcer”, como se refere em artigo o antropólogo Luiz Henrique de Toledo<sup>7</sup>, em explícita paráfrase a Bourdieu.

Embora seja fenômeno conjuntural ainda muito recente, situado na superfície dos acontecimentos e ainda sem um aprofundamento necessário para que se tenha uma melhor dimensão, a guinada nos discursos midiáticos chama a atenção na medida em que assinala uma distinta estratégia e uma nova postura por parte de setores da chamada “opinião pública” frente às torcidas organizadas nas décadas anteriores. Até então, o ramerrão que apregoava “a volta das famílias aos estádios” tornava as torcidas organizadas um obstáculo incontornável, algo que deveria ser a todo custo erradicado, como se tentava fazer também, por um processo de assepsia e higienização, nas praças esportivas da Europa.

Àquela altura, quando tragédias fatais também sucediam no Brasil, defendia-se a idéia de que a exclusão e o banimento dessas torcidas seriam a única forma de redenção da crise em que se encharcava o futebol – corrupção, venda de craques para o exterior, campeonatos deficitários, esvaziamentos dos estádios. Sabe-se outrossim que, para além da salvação moral, a salvação sub-reptícia mais importante a que se visava no futebol era a econômico-financeira. Passados alguns anos de tentativas malogradas de proibição e de criminalização desses agrupamentos, parece haver agora o entendimento de que a incapacidade de extingui-los juridicamente ou de enfraquecê-los pelo isolamento deve ser, ao contrário, revertida e convertida em capacidade de incorporá-los. O enquadramento ao espetáculo esportivo, com base no pressuposto comunicativo da interatividade, se daria através da reinvenção de uma “festa competitiva” nas arquibancadas, tal como idealizada em meados do século XX pelo jornalista brasileiro Mário Filho.

Assim, a interação contínua entre torcidas organizadas e cultura de massas permite pôr em questão justamente a forma como se dá o estabelecimento das identidades juvenis no

interior desses grupos e a correspondente busca de referenciais nos meios de comunicação. Aqui está em consideração não apenas a imprensa esportiva responsável pelo noticiário diário dos clubes de futebol, com a qual tais agrupamentos estabelecem uma relação mais cotidiana, mas também com a imprensa escrita, falada e televisada como um todo, a quem cabe a disseminação de valores, de estilos de vida e de padrões de consumo em maior escala.

É possível perceber na atualidade de que maneira o repertório musical, as insígnias e os distintivos adotados pelas torcidas em suas bandeiras e faixas são apropriados por uma mnemotécnica e por uma estrutura parodística de canções, de propagandas comerciais ou de algum elemento do imaginário veiculado pelos meios de comunicação. As dramatizações e as tramas simbólicas e materiais das torcidas passam assim não somente por uma “leitura ritualizada e teatralizada” do mundo do jogo, como querem antropólogos como o brasileiro Roberto DaMatta, o francês Christian Bromberger, o italiano Alessandro dal Lago e o argentino Eduardo Archetti<sup>8</sup> – vencer, lutar, combater, fazer justiça, etc. –, como também por uma bricolagem de ideologias e de manifestações do meio social circundante, obtidas por intermédio da televisão, do jornal ou do rádio.

## **2. ESTILOS DE JOGAR, ESTILOS DE TORCER.**

Feitas as contextualizações relativas aos dilemas da “cultura torcedora” em âmbito nacional e internacional, a partir de sua imagem e sua relação com os meios de comunicação, exponho a seguir parte de um projeto comparativo entre torcidas que realizo no presente momento. Procurarei fornecer elementos históricos que permitam compreender a evolução e a influência recebidas pelas torcidas organizadas no Brasil e na França. O ponto de partida são os modelos gerais irradiados da Europa e seus efeitos na formação de um “estilo nacional” de torcer em cada um dos dois países.

Sempre que se estuda o fenômeno das torcidas, é possível afirmar que se parte de uma concepção difusionista, muitas vezes implícita no argumento, cujo núcleo irradiador é a Inglaterra. A base explicativa é a mesma utilizada para se pensar a difusão dos esportes

modernos. Berço do futebol e da Revolução Industrial, a Inglaterra foi o centro de irradiação que contribuiu para difundir fábricas e campos pelos quatro cantos do mundo.

Uma vez difundido o esporte que se tornaria o mais popular do planeta, passou-se a se falar na formação de estilos nacionais de jogo. Conforme mostrou o antropólogo Eduardo Archetti no caso argentino, ser moderno no século XX consistiu na busca de uma identidade nacional que juntasse um elemento da tradição local ao elemento externo, no caso os esportes modernos. Isto permitiu um “concerto de nações” dentro de um quadro geral de universalização e diferenciação: a Inglaterra face à Grã-Bretanha, a Grã-Bretanha face à Europa continental, a Europa face à América do Sul, a Europa do Sul face à Europa do Norte, a Europa ocidental face à oriental, etc.

As Copas do Mundo e os sistemas táticos possibilitaram identificar traços nacionais através da caracterização de escolas ofensivas e defensivas, individualistas e coletivistas, baseadas na habilidade e na força física. Slogans como o ferrolho suíço, a arte brasileira, a fúria espanhola, o carrossel holandês são exemplos disso.

Um método não muito distinto foi utilizado para a compreensão do fenômeno da violência entre as torcidas organizadas na segunda metade do século XX. Falou-se no seu nascimento na década de 1960 com os *hooligans* na Inglaterra e na sua propagação para a Europa, para a América do Sul e depois para todo o mundo.

Como já pontuamos na Introdução, falam-se hoje nos *tifosi* italianos, nos *barra-bravas* argentinos, nos *ultras* espanhóis, nos *kutten-fans* alemães, nos *siders* belgas, além das torcidas do Leste Europeu, da Grécia e da Turquia. Até mesmo a África do Norte, através das torcidas argelinas, aparece integrada nesse quadro geográfico dos torcedores conhecidos por práticas violentas.

A exportação de modelos violentos de torcer permitiu a criação de uma tipologia de torcidas, reflexo de padrões culturais distintos: uma irradiada da Inglaterra e outra, da Itália. O primeiro seria sociologicamente mais homogêneo, saído das classes duras do proletariado

britânico, coloca-se à parte dos demais atores do futebol e procura romper com as formas dominantes de integração social. O segundo seria heterogêneo do ponto de vista da classe social e, através de processos de ritualização e de organização, sem negar a prática da violência, buscaria uma participação mais integrada com os atores e com o espetáculo do futebol.

A marginalização e a institucionalização são, pois, os pólos em torno dos quais se dividem as torcidas. De maneira análoga aos sistemas táticos dentro do campo, a força física e a criatividade em relação a coreografias e cantos são parte do *ethos* das torcidas. Na América Latina, a Argentina tem sido uma importante fonte de inspiração para as torcidas do continente. Nos últimos anos, líderes das torcidas argentinas foram enviados a países da América Central, a fim de ajudar a criar as torcidas locais.

Assim, os “estilos nacionais de torcer” variaram, na segunda metade do século XX, de acordo com esses dois modelos gerais. Cada país segue essa tendência geral e, ao mesmo tempo, a adapta às suas particularidades.

### **3. A CONSTRUÇÃO DOS ESTILOS NACIONAIS**

#### **3.1. ELEMENTOS PARA UMA COMPARAÇÃO**

Para que as considerações acima não fiquem encerradas em um plano genérico, circunscrevi dois exemplos nacionais, o brasileiro e o francês. Brasil e França parecem ser países antagônicos em relação ao futebol. Em ambos o futebol é popular, mas cada sociedade se relaciona de maneira distinta. Os franceses admiram o desempenho e o talento dos jogadores brasileiros, mas desconhecem o que se passa nas arquibancadas dos estádios no Brasil, pouco além de uma visão estereotipada em torno do carnaval. Como então estabelecer graus para uma comparação?

Uma *démarche* comparativa é aquela que procura estabelecer, em cada quadro nacional, diferenças e semelhanças de cada subcultura de torcidas organizadas. O historiador francês Marcel Detienne afirma que «l'activité comparative est consubstancielle au savoir

anthropologique »<sup>9</sup>. A comparação tem assim um papel muito importante na historiografia, embora, durante certo tempo, os antropólogos anti-evolucionistas tenham visto com desconfiança a perspectiva comparada. Desde os anos 1920, o historiador Marc Bloch propunha uma história comparada das sociedades européias, na qual o projeto de comparação é feito entre sociedades vizinhas, contemporâneas et de mesma natureza<sup>10</sup>.

Tendo como fonte de inspiração a obra desses dois historiadores, proponho nas linhas que seguem fornecer elementos cronológicos e um quadro histórico a fim de mostrar o desenvolvimento das torcidas em cada país. Seu percurso histórico no século XX é brevemente resumido nas linhas a seguir.

Se nosso interesse está voltado para a difusão das torcidas no Brasil e na França, é possível lançar um conjunto de perguntas: de que maneira, no caso brasileiro, se deu historicamente a implantação desse modelo? E ainda: foi ele uma exclusiva importação, mero reflexo de influências externas, como ocorre em diversos domínios da vida nacional, em sua relação centro-periferia? Por fim, indago: quais seriam as especificidades do surgimento e do desenvolvimento das torcidas organizadas no Brasil?

## **O CASO DAS TORCIDAS BRASILEIRAS**

Quando se pensa no surgimento de torcidas organizadas no Brasil, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo são as que mais se destacam, pela sua centralidade política, econômica e social. Foi durante a Segunda Guerra mundial, no início dos anos 40, que surgiram as primeiras torcidas de futebol.

Em São Paulo, o nome dado foi “Torcida Uniformizada” e, no Rio, “Torcida Organizada”. A palavra “torcida” carrega em português um sentido semelhante à palavra italiana “tifo”. Expressa uma idéia de sofrimento corporal daquele que acompanha o jogo. Já as palavras organização e uniformidade fazem parte do projeto pedagógico de ordenar a platéia, dentro de um contexto político nacional marcado pela ditadura.

A ordem nos estádios, de proporções monumentais, era uma preocupação das autoridades. Assim, cada clube vai ter uma torcida organizada, que representa todo conjunto da torcida, e cada torcida organizada tem um chefe. A palavra “chefe” tinha o mesmo sentido de autoridade de outras esferas da vida social na época, como “chefe de família”, “chefe de repartição”, “chefe da nação”.

Em São Paulo, o modelo de incentivo das torcidas tem uma origem curiosa. Elas foram inspiradas nas platéias de esportes universitários norte-americanos, com adereços e camisas coloridas. A idéia foi trazida por estudantes de Direito, sócios de clubes de elite, que iam aos Estados Unidos e importaram essa novidade para animar as partidas de clubes como o São Paulo e o Palmeiras.

No Rio, o modelo não foi trazido de um país estrangeiro, mas adaptado de uma prática cultural da cidade instituída na década de 1930: o desfile das Escolas de Samba. Se a música de origem africana foi perseguida durante muito tempo, ela vai ser nessa época incorporada à identidade nacional. Mário Filho, jornalista esportivo que hoje dá nome ao estádio do Maracanã, vai ser o responsável por idealizar um concurso entre escolas de samba, com base em critérios competitivos de pontuação: organização, evolução, harmonia.

Pouco anos depois, o mesmo jornalista levou este sistema de disputa para os estádios. As arquibancadas começaram a ter o seu próprio “jogo”, baseado nos mesmos critérios das Escolas de Samba: animação, música, organização. Os torcedores organizados passaram a usar a camisa com as cores do time nas arquibancadas. Passou-se a falar de uma carnavalização das arquibancadas.

Esse modelo dos anos 40 vai durar até o final dos anos 60. O princípio de unidade – um clube, uma torcida, um chefe – é questionado. Surgem as Torcidas Jovens, novas gerações que protestam contra o chefe de torcida e contra os dirigentes. Elas aparecem dentro do contexto nacional da ditadura militar e dentro do contexto internacional de contestação estudantil.

Durante os anos 80, essas Torcidas Jovens vão crescer em número de adeptos de uma maneira extraordinária, formados em sua maioria por jovens pobres da periferia e das favelas. Estes levam a música *funk* para os estádios. Sua imagem passa a ser associada à violência urbana, à delinqüência juvenil e ao consumo de drogas que também cresce nas metrópoles.

Em São Paulo, surge a *Mancha Verde*, união de quatro pequenas torcidas com o objetivo de se defender das outras torcidas. Seu fundador é assassinado fora das circunstâncias do jogo e as torcidas se tornam um caso de investigação policial.

Nos anos 90, uma tragédia vai chocar a opinião pública. Na final de uma partida transmitida pela televisão, duas torcidas organizadas em São Paulo invadem o campo e brigam, num confronto que vai ter um morto e centenas de feridos. As cenas televisivas levam às autoridades a proibir as torcidas em São Paulo. Estas, no entanto, transformam seu estatuto jurídico e se convertem em Escolas de Samba. Participam dos desfiles oficiais e criam sedes recreativas com uma inesperada capacidade de organização.

Com as suas características, as torcidas brasileiras continuam assim a meio caminho entre os dois modelos que também dividem as torcidas européias: de um lado a institucionalização na cena pública, de outro a marginalização. De um lado, a organização da festa, de outro a preparação para a briga.

Conforme apontamos no item 1.1, nos últimos anos, os meios de comunicação de massa têm voltado a investir no sentido de reinstitucionalizar as torcidas organizadas. Ao invés de simplesmente estigmatizar, o canal que controla a transmissão do campeonato, a Globo, uma poderosa rede de comunicação no Brasil, mudou a sua estratégia. Ele tem estimulado o aparecimento de novas torcidas, com um diferente perfil social, ligados à classe média, na concorrência com as Torcidas Jovens.

Essas torcidas se inspiram também em imagens das torcidas argentinas que circulam no Brasil. Conhecidas pelo canto constante, mesmo com a derrota, pela ausência de nome e de camisa específica para a torcida. A influência veio da fronteira, do estado vizinho à

Argentina, o Rio Grande do Sul, e tem se espalhado para todo o país. Uma de suas novidades é a “avalanche”, em que, em comemoração a um gol, os torcedores correm em massa em direção ao alambrado, produzindo um grande efeito visual.

Não se sabe ainda se esse novo modelo, que faz apelo também às origens e a uma retórica da tradição, irá superar o modelo das Torcidas Jovens. Sabe-se, no entanto, que elas têm o apoio dos meios de comunicação, dentro de um projeto pedagógico e de um interesse capitalista que requer um remodelamento de estádios. No Brasil, a preparação para a Copa do Mundo de 2014 é uma excelente ocasião para a formação de um novo público torcedor.

### **3.2 O CASO DAS TORCIDAS FRANCESAS**

No que se refere às torcidas francesas, as informações de que disponho são menores, mas é possível identificar algumas linhas gerais e as suas principais influências. Segundo o historiador Alfred Wahl<sup>11</sup>, as primeiras torcidas na Europa continental surgiram na Bélgica e no norte da França, na década de 1920. Em particular, em Lens, cidade mineira e operária. Sua primeira associação de torcedores apareceu em 1926, quando o futebol francês ainda era amador.

Desde então o clube, fundado em 1905, tem sido considerado um modelo na França, em razão de uma estreita relação entre o clube, a cidade e a torcida. Em Lens se encontra o torcedor visto como clássico e ideal para o futebol. A torcida do Sangue e Ouro se caracteriza pela animação e pelo colorido das arquibancadas. Martine, animadora dos torcedores do Lens nos anos 90, é uma dessas personagens-símbolo.

Até o momento existe um menor número de informações a respeito das torcidas na França das décadas seguintes. Sabe-se que a popularidade do futebol foi limitada e sofreu também a concorrência do rúgbi no sul do país, do ciclismo, com o seu espetacular *Tour de France* e do tênis, com a “mágica” arena de Roland Garros. Isto mesmo durante a época em que o Stade de Reims nos anos 50, com o ídolo Kopa, e o Saint-Etienne nos anos 70, com o ídolo Platini, obtiveram destaque no cenário nacional e europeu.

Os anos 80 seriam importantes no aparecimento de uma cultura torcedora nos estádios franceses, influenciada pelos países vizinhos. A inspiração italiana dos *Ultras* chegaria à cidade de Marselha em 1984, através do exemplo direto vindo do Juventus, clube da cidade de Turim. No estádio Velódromo, a concorrência entre torcidas proporciona o surgimento de torcidas, que curiosamente, talvez como forma de diferenciação, traziam os nomes em inglês: os *South Winners* e os *Yankees*.

Além de Marselha, a influência dos Ultras italianos se difundiria por outras cidades do sul, como Nice, onde em 1985, surge a *Brigade Sud Niçois*, inspirada na *Brigade Rossonere*, da torcida do Milan, que surgira dez anos antes. Ainda no sul da França, na cidade portuária de Bordeaux, surgem os *Ultramarines* dois anos depois, em 1987. A rivalidade entre as torcidas de Marselha e Bordeaux, na época as duas equipes mais fortes da França, foi em parte impulsionada pelo caráter carismático e polêmico de seus dois dirigentes, Bernard Tapie e Claude Bez, respectivamente.

Em paralelo à força da equipe do Bordeaux, criou-se uma oposição nacional entre torcidas entre Marselha e o Paris Saint-Germain, este último clube da capital criado em 1973. Segundo expressão do sociólogo Paul Yonnet, a “fabricação das rivalidades”<sup>12</sup> na virada da década de 80 para 90 vai opor a cidade portuária do sul ao centro cultural e administrativo do país, logo após a conquista da Copa da França pelo clube da capital em 1986.

Em Paris, a influência da subcultura juvenil inglesa, estudada pelo sociólogo Patrick Mignon<sup>13</sup>, começa a aparecer no Parque dos Príncipes já no final dos anos 70. Em meados dos anos 80, passa-se a chamar de *kop* o setor das arquibancadas conhecido como Boulogne, local onde, através do incentivo do presidente Francis Borelli, com vistas à popularização do clube, são vendidos os preços mais baixos. No mesmo ano da tragédia de Heysel, surgem os Boulogne Boys, numa clara alusão à influência recebida das torcidas da Inglaterra.

No início dos anos 90, como uma forma de fazer contraponto à tribuna de Boulogne, tendo apoio do clube, estimula-se a criação de torcidas na tribuna oposta, Auteuil. Em 1991,

aparecem duas torcidas, com nomes que remetem à influência italiana – Supras Auteuil – e às origens romanas da cidade – Lutece Falco.

O público da tribuna de Auteuil vai se caracterizar por uma maior heterogeneidade social, com espaço para a presença de migrantes e de moradores da periferia de Paris. Em contrapartida, a tribuna de Boulogne reivindica uma maior homogeneidade social e racial, com espaço para manifestações nacionalistas. Grosso modo, é possível associar à Auteuil o modelo italiano mais aberto e institucionalizado, e à Boulogne o modelo inglês mais fechado e homogêneo.

## CONCLUSÕES

Quando se observa a evolução de uma subcultura torcedora no Brasil e na França, deve-se atentar para as influências externas, mas também para aspectos sociais internos que os antropólogos chamam de *dramatização*<sup>14</sup>. Como vários ritos contemporâneos das sociedades democráticas de massa, o futebol põe em cena valores e símbolos que estão presentes no cotidiano. Assim, grandes cidades no Brasil vivenciam o drama da miséria urbana, do tráfico de drogas e das armas de fogo. Sabe-se que muitas torcidas organizadas no Rio de Janeiro têm se estruturado em torno dessa lógica de violência e de rivalidades entre favelas que matam jovens diariamente.

Já na França sabe-se que a questão da migração e da integração de contingentes populacionais oriundos das suas antigas colônias coloca problemas como o racismo. No futebol, a presença de jogadores negros não apenas nos clubes como na seleção nacional coloca para a sociedade a questão de sua auto-imagem. Este, por conseguinte, é um fenômeno que vem se manifestando nos estádios e, em particular, entre algumas torcidas.

Além do espelhamento das questões nacionais, a dinâmica das torcidas propõe uma relação de concorrência entre elas que acompanha a ampliação da escala internacional do futebol-espetáculo. Esta competição tem por princípio a relação imitação-criação, que pode ser associada à paródia na linguagem e ao *kiscth* nas artes.

A originalidade das torcidas não é a criação a partir do nada, mas a apropriação de outros grupos e a sua ressignificação. No universo das torcidas, a cópia pode ser, paradoxalmente, criativa. Isto ocorre em relação ao ritmo e à melodia de determinadas músicas, mas também aos símbolos e aos nomes das outras torcidas. Esse repertório comum permite perceber uma relação direta com os meios de comunicação de massa e identificar a existência de uma “subcultura internacional de jovens torcedores” na atualidade.

## REFERENCIAS:

Archetti, E. P. *Masculinities: football, polo and tango in Argentina*. Oxford/New York: Berg, 1999.

Atsma, H. ; Burguiere, A (Orgs.). *Marc Bloch aujourd’hui : histoire comparée & sciences sociales*. Paris : Éditions de l’Écoles des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.

Baudrillard, Jean. « Miroir du terrorisme ». In : *La transparence du mal : essai sur les phénomènes extrêmes*. Paris : Éditions Galilée, 1990.

Boniface, P. *Football & mondialisation*. Paris: s.e., 2006.

Bromberger, C. *Le match de football : ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris : Éd. de la Maison des sciences de l’homme, 1995.

\_\_\_\_\_. *Football: la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris: Pocket, 2004.

Brown, A (Org.). *Fanatics! : power, identity & fandom in football*. Londres: Routledge, 1998.

Canclini, N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora Edusp, 2003.

Damatta, R. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakoteque, 1982.

Detienne, M. *Comparer l’incomparable*. Paris : Éditions du Seuil, 2000.

Dunning, E.; Murphy, P.; Williams, J. *Hooligans abroad: the behavior and control of English fans in continental Europe*. London ; New York : Routledge, 1984.

\_\_\_\_\_. *The roots of football hooliganism: an historical and sociological study*. New York: Routledge, 1998.

\_\_\_\_\_. *Football on trial: spectator violence and development in the football world*. New York: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_; Waddington, I.; Astrinakis, A, E. *Fighting fans: football hooliganism as a world phenomenon*. London : University College Dublin Press, 2002.

Eisenberg, C. “Le football comme phénomène mondial”. In : *Histoire et Sociétés – Revue Européenne d’Histoire Sociale*. Paris: Alternatives Économiques, 2006, n.º 18-19.

Elias, N.; Dunning, E. *Sport et civilisation : la violence maîtrisée*. Avant-propos de Roger Chartier. Paris: Fayard, 1994.

Hobsbawm, E. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Houcarde, N. « La France des ‘Ultras’ ». In : *Sociétés et Représentations*. Paris : Crehess, 1998, nº 7.

Lago, A, D. *Descrizione di una battaglia: il rituali del calcio*. Milano: Il Mulino, 1990.

L, J, S, L. “Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, n.º 23.

Mignon, P. « Supporters et hooligans en Grande-Bretagne depuis 1871 ». In : *Vingtième Siècle*. Paris : s.e., 1990, nº 26.

\_\_\_\_\_. “Liverpool ou ‘le Kop va disparaître’ ”. In: *Revue Esprit*. Paris: s.e., 1994, nº 202.

\_\_\_\_\_. “New supporter cultures and identity in France: the case of Paris Saint-Germain”. In : GIULIANOTTI, Richard ; WILLIAMS, John. *Game without frontiers: football, identity and modernity*. London : Arena, 1994.

\_\_\_\_\_. *La passion du football*. Paris : Odile Jacob, 1998.

Ortiz, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Toledo, L, H. de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

Wahl, A. *La balle au pied : histoire du football*. Paris : Gallimard, 2002.

Yonnet, P. *Huit leçons sur le sport*. Paris : Éditions Gallimard, 2004.

## NOTAS:

---

- <sup>1</sup> Cf. Canclini, N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora Edusp, 2003.
- <sup>2</sup> Cf. Dunning, E.; Murphy, P; Waddington, I; Astrinakis, A. E. *Fighting fans: football hooliganism as a world phenomenon*. London: University College Dublin Press, 2002.
- <sup>3</sup> Cf. Bromberger, C. HAYOT, A.; MARIOTTINI, J-M. “Allez L’O.M.! Forza Juve !”. In: **Terrain: Cahiers du Patrimoine Ethnologique**. Paris: s.e., 1983, n. 8, p. 35.
- <sup>4</sup> Cf. Baudrillard, J. “Mirroir du terrorisme”. In: *La transparence du mal: essai sur les phénomènes extremes*. Paris: Éditions Galilée, 1990.
- <sup>5</sup> Cf. Hobsbawm, E. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- <sup>6</sup> Cf. Boniface, P. *Football & mondialisation*. Paris: s.e., 2006.
- <sup>7</sup> Cf. Toledo, L. H. de. “A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer”. In: COSTA, Márcia Regina da (et al.). *Futebol, o espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- <sup>8</sup> Cf. Archetti, E. P. *Masculinities: football, polo and tango in Argentina*. Oxford/New York: Berg, 1999. Cf. Damatta, R. *Universo do carnaval: imagens e reflexões*. Rio de Janeiro: Pinakoteque, 1982. LAGO, Alessandro Dal. *Descrizione di una battaglia: il rituali del calcio*. Milano: Il Mulino, 1990. Bromberger, C. *Le match de football: ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: Éd. de la Maison des sciences de l’homme, 1995.
- <sup>9</sup> Detienne, M. *Comparer l’incomparable*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- <sup>10</sup> Atsma, H.; Burguiere, A (Orgs.). *Marc Bloch aujourd’hui: histoire comparée & sciences sociales*. Paris: Éditions de l’Écoles des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.
- <sup>11</sup> Wahl, A. *La balle au pied: histoire du football*. Paris: Gallimard, 2002.
- <sup>12</sup> Yonnet, P. *Huit leçons sur le sport*. Paris: Éditions Gallimard, 2004.
- <sup>13</sup> Mignon, P. *La passion du football*. Paris: Odile Jacob, 1998.
- <sup>14</sup> Bromberger, C. **Football: la bagatelle la plus sérieuse du monde**. Paris: Pocket, 2004.